Peravelha

Publicado no dia 25/05/2012

Neste chão bravio, alto, religioso, cresceu um povo multi-secular que fez história. No alto da serra, aí se cimentou, outrora senhoreando um espaço maior, pelos foros de autonomia concelhia. O vento que é um pincha-no-crivo devasso e curioso penetra bufando nos quatro cantos desta terra, rosando as faces dos seus habitantes. Na calmia absorta, só perigada pelo movimento da estrada que a rasga ao meio, ecoam pequenos ruídos que dificultam a destrinça sobre a sua proveniência, bafejando o cógito com a ideia de se tratar de uma fonte ou antes um cântico de ave sussurrando, de água corrente, de vagem a estalar com o sol ou de um insecto na sua primeira manhã.

Peravelha é tapete de um solo negro que dá mostras de fecundo, pelo mato que nele cresce balofo, alto e denso, sugando as profundezas da terra mais sofregamente que vacas com fome. Ervas de toda a sorte se poderão encontrar aqui, cuja semente bóia nos céus ou espera à tez dos pousios a vez de germinar. Mas também matos frondosos que crescem à rédea solta da natureza. E baldios vestidos de um riscado acastanhado por onde rebentam verdejantes prados; charcos reluzentes nos algares das chãs e nos estirões das regueiras por onde bicam pássaros gorgolejando; sóis rijos e pesadões que se agacham na altitude como galinhas chocas sobre os ovos da postura. Mas não só! Pedregulhos de robusta e por vezes antropomórfica e zoomórfica feição ponteiam aí por todo o lado, numa composição quase artística por onde vagueiam ainda alguns lobos, poucos, mas famintos, que com suas pernas maratónicas desciam dos seus fojos farejando currais, e famintos, capazes de rilhar uma fraga com os dentes.

Eco-museu, Peravelha é também repositório de evocações sociológicas e antropológicas ancestrais. Desde logo por ser terra onde é possível rememorar esses tempos onde as moçoilas matavam o tempo a rendilhar meias, saiotes, camisas, e a enlear meias e carapuças de malha singela que fizessem frente à temperatura. Assim de dia como nos serões. Aí, aproveitando a fraca luz da candeia, folgazões conhecidos de ginjeira como insolentes valdevinos, perpassando os seus vultos de ferragoulo alumiados à luz vacilante, lançavam a sua sorte colhendo negativas por uma timidez improdutiva ou audácia espalha brasas.

Peravelha, juntamente com Peva e Ariz, foi sede de um concelho com características geofísicas e humanas de que é possível ainda contemplar resquícios. Espelham-se esses foros de autonomia nas belas iluminuras do foral manuelino lavrado em 1514 de que hoje ainda existe cópia. A Casa da Câmara, onde laboravam dois juízes ordinários, vereadores, um procurador, um escrivão, um juiz dos órfãos com seu escrivão, dois tabeliães e um alcaide; a praça e o pelourinho, eram belos espécimes arquitectónicos que entretanto despareceram. Juntam-se-lhe outros conjuntos patrimoniais de assinalável valia, naturais e construídos, como a "folha de Peravelha", o Penedo da Fonte Santa, o Penedo do Cão, o Penedo dos Três Irmãos, o Penedo da Janela, o Penedo da Gralheira, o Penedo dos Santos Idos, a ribeira dos cubos e os silêncios eremitas que esconde nas suas margens, as construções castrejas, os megalitos pré-históricos, as cavernas naturais, os pedaços de mós, caldeirinhas e fossetas de lendárias imaginações, entre tantos outros vestígios desse passado remoto.

Por aqui passou certamente Almançor, por aqui certamente se travaram batalhas, por aqui venceram os cristãos, por aqui se erigiu um povoado acastelado com sua *Igreja Velha* devota a S. Miguel em cujas rochas cercanejas se fizeram orifícios e se sepultaram alguns dos mais afamados guerreiros. S. Miguel seria posteriormente tresladado para a nova igreja, também antiga e remodelada durante a época moderna, continuando hoje modesta à excepção do tecto da capela-mor que comporta caixotões com painéis pintados sobre a vida de N. Senhora.

Terras como esta têm uma ligação extra umbilical ao rusticismo beirão que dura uma vida inteira e mais seis meses. Para nosso regozijo!

Carapito

Publicado no dia 25/11/2011

Se Peravelha, que evoluiu de Pêra significa povoado plantado em cume, Carapito, que sempre lhe pertenceu, é vocábulo em cuja base está também a altitude. Carapito, evolução de Carrapito, indica povoado erguido ao alto, bordejando a Serra. Desafogada em todos os quadrantes, que aqui zarpa um ar agreste que tolda de encarnado as faces, a povoação tem uma feição airosa e dos altos se fitam encantadores panoramas naturais.

A vida aqui era áspera, laboriosa, exigindo do homem esforço estrénuo e demorado. A alimentação filhava-se à caça, à pastorícia e à agricultura. Ao mato e à água colhia-se a nutrição essencial. São estes alguns dos mais importantes predicados que singularizam o beirão serrano.

Terra da pastorícia, a braços com o pasto farto dos píncaros aguçados da Serra, terra de charcos e lameiros que em tempos invernios exalam fumos brancos e cerrados; terra de um casario rústico e encavalitado entre si, espalmado em penedias e soerguido com o duro e abundante granito; terra de uma água cristalina que borbulha pelas entranhas da terra e dela brota em borrifo; terra de mato denso onde predomina a giesta, trauteado por javalis e lobos que o esfocinham; terra de várias teigas de um pão puro; terra de fraguedos de porte variado, espalhados pelos altiplanos como lápides sepulcrais que testemunham uma memória, um tempo, uma origem remota.

Na encosta dos Cadavais depara-se um marco de granito que assinala ainda a posse antiga da Universidade de Coimbra, com marcas VDE, de pedra de cantaria lavrada ali colocado nos inícios da segunda metade do século XVIII. Por aqui rondam os limites da freguesia de Leomil, irmã nos horizontes, nos costumes, nas actividades económicas e nas tradições etno-culturais.

As terras de Carapito e Peravelha são a mãe do Rio Paiva. Nos Cachopos situa-se a sua nascente principal e, ao fundo, um pequeno pontigo servia desde tempos remotos como elo de ligação entre este povo e os vastos e férteis campos que se estendem até ao Toitainho. Pelos corgos de Regueixada e Cartaxo seguem as águas curso fora, passando por baixo da Ponte Pedrinha rumo a Segões e daí a Granja do Paiva onde ganha força o seu caudal e ganha força a sua marcha até às terras de Barrelas, e daí vai fenecer no Douro. Já dizia o cura Manuel Francisco de Almeida, em 23 de Maio de 1751, que o Rio Paiva tinha 12 léguas e nascia em Carapito, passando por Pêra, Barrelas, Fráguas, Castro Daire, Parada de Ester e Alvarega.

De Carapito sobreleva-se a concepção urbanística, ao jeito arcaico, que equivale a dizer, ao jeito dos tempos em que o íncola aqui, de seu, tinha apenas os caminhos. O progresso ainda não derrubou estas curiosidades que os nossos avoengos nos legaram e que muitos espíritos hodiernos apodam de velharias inúteis mas que são, na verdade, um dos já escassos repositórios que nos permitem compreender o passado.

Suturadas aqui e acolá, ou já em estado de decrepitude, as habitações mais antigas resistiram ao tempo, no granito imperecível das boas pedreiras beiroas, e com suas maciças paredes com espessura robusta e portais de alongada e talhada superfície. O travejamento interior, por ser de madeira, já abalroou. Com ele vieram abaixo as telhas de meia-cana, em vias de extinção. Porém, é ainda possível apreciar as vielas labirínticas e estreitas, bem como os típicos quinteiros cujo chão se fazia de um misto de palha, tojo, giestas e caruma.

É esta terra, por tudo isto, uma das que mais denota ter resistido ao ímpeto vertiginosamente modificador dos tempos e, por isso, poderá ser apreciada num estado quase virginal. De uma simplicidade e austeridade monacais, convida-nos a visitar os lustros cuja destruição um *cronos* benemérito tem adiado.